

**FAAT FACULDADES
PEDAGOGIA**

ANA PAULA DE SOUZA BORGES ROCHA

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM**

Atibaia, SP

2017

**FAAT FACULDADES
PEDAGOGIA**

ANA PAULA DE SOUZA BORGES ROCHA

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado no Curso de Pedagogia, da FAAT - FACULDADES, sob orientação da Professora Dr^a Marli Amélia Lucas de Oliveira.

Atibaia, SP

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos que de alguma maneira me auxiliaram durante os três anos que tive que me dedicar ao curso de Pedagogia. Em especial a minha família.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me amparado em todos os momentos que sempre precisei, agradeço a Deus também por ter ouvido minhas orações quando pedi que me presenteasse com a orientação da professora Marli Amélia Lucas de Oliveira. A todos os professores do curso de Pedagogia, em especial a minha orientadora, professora Dr^a Marli Amélia Lucas de Oliveira que me acolheu e orientou com sua tranquilidade e sabedoria. Me subsidiando, a calma necessária para conduzir esse trabalho da melhor maneira possível, respeitando sempre a minha escolha pessoal no tema que escolhi e decidi escrever.

Agradeço também aos meus filhos: Rhenner Rocha e Rennan Rocha, em especial ao Rhenner, por compreender os momentos de ausência que tive que me dedicar aos estudos. Aos meus pais: Antonio Borges e Antonia Aparecida de Souza Borges, por me auxiliarem com o cuidado das crianças, as minhas amigas, companheiras de faculdade, pessoas maravilhosas que Deus me presenteou nessa trajetória. Gilvandira Guimarães Oliveira e Renata Cardoso. Agradeço também ao tio da Renata Cardoso, o Senhor Mário Sérgio Bezinelli que sempre foi muito gentil. Sempre muito solícito em todos os momentos quando precisávamos nos reunir para realizar os trabalhos da faculdade. Que Deus abençoe imensamente!

EPÍGRAFE

“O ambiente social da criança codetermina a sua existência e fornece o primeiro meio de satisfação das suas necessidades”

Henri Wallon

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi explicar como a afetividade influencia a vida da criança, desde o seu nascimento. Através do estudo foi possível entender como a afetividade está presente no desenvolvimento da criança desde seus primeiros meses de vida, e como a influência do outro e do meio são determinantes na vida do indivíduo. Levando em consideração a postura que o professor precisa ter frente à rotina escolar, possibilitando ao educando um ambiente acolhedor e afetivo, para que ele consiga atingir todos os objetivos frente à aprendizagem. No primeiro capítulo podemos compreender como a afetividade se estabelece na vida da criança desde o primeiro mês de vida, até a sua adolescência. No segundo capítulo podemos compreender como a afetividade acompanha a criança durante as situações que ocorrem dentro do ambiente escolar. Compreendemos que a afetividade nos acompanha por toda nossa vida, e somos influenciados diretamente pelo outro e pelo meio em que vivemos.

Palavra chave: Afetividade; Afetividade no ambiente escolar; Afetividade na Avaliação da Aprendizagem.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I A Afetividade	10
Capitulo II A Afetividade no processo de ensino e aprendizagem: o olhar do professor	20
Considerações Finais.....	35
Referencias.....	36

INTRODUÇÃO

O campo da afetividade sempre me despertou grande interesse, já que estamos cercados o tempo todo pelo campo das emoções e sentimentos. Quando iniciei o curso de Pedagogia fiquei ainda mais interessada pelo tema, uma vez que o processo de ensino – aprendizagem sofre influência direta, seja positiva ou negativa, refletindo diretamente no comportamento do aluno.

O interesse em olhar questões relacionadas à avaliação da aprendizagem foram me surgindo também logo no início da faculdade. Assim que comecei a estudar a disciplina Psicologia em Educação, comecei a me recordar de momentos de minha trajetória escolar, onde sentimentos e emoções me dominavam nos momentos onde eu estava sendo de alguma forma avaliada.

Logo no início do curso aconteceu um episódio em particular que me deixou bastante chateada e triste. Em uma determinada disciplina, no momento em que a professora aplicava o instrumento de avaliação ‘prova’, eu fiquei tão nervosa, que tudo o que eu sabia sumiu da minha cabeça, fiquei apavorada, é como se eu nunca tivesse estudado nada que se relacionasse com o tema da disciplina.

A partir desse momento comecei a ver como o sentimento de medo me trazia tamanha insegurança a ponto de me prejudicar. Ao mesmo tempo, com o decorrer do ano, fui conhecendo autores e teorias que foram me ajudando a me conhecer, e conhecer como podemos controlar os sentimentos e as emoções que nos influenciam nas mais diversas situações do nosso dia a dia.

Com o decorrer do curso e das disciplinas, minhas necessidades particulares foram sendo sanadas, pois as questões relacionadas à avaliação da aprendizagem e as questões relacionadas ao campo afetivo, foram se complementando, uma disciplina complementava a outra, e a partir do que me apresentavam, eu ia atrás de material complementar para conseguir refletir criticamente sobre os temas.

Logo na sequência, tive uma experiência pessoal que me despertou ainda mais interesse pelo campo afetivo. Meu filho de nove anos, sempre foi um bom aluno, com boas notas e um comportamento exemplar, sempre muito elogiado na escola, sempre foi uma criança muito amável, com um ótimo relacionamento com todos na escola, especialmente com as professoras, sempre estabeleceu laços de afetividade com todas as professoras que

teve nos anos anteriores. Mas, no começo do ano de 2016, com a nova professora, percebi uma mudança brusca de comportamento, e um grande desinteresse dele pelos estudos. Comecei a questioná-lo sobre as aulas, percebi que não era como nos anos passados.

Decidi então conversar com ele todos os dias a respeito das aulas, e pude então perceber uma grande frustração, com relação a professora nova, perguntei o que estava acontecendo e ele me disse o seguinte: “Mãe ela não gosta de mim, não gosta de ninguém, não conversa comigo, vive de cara feia, grita o tempo todo, tenho medo dela! ”. A partir daí, percebendo que a relação com a professora estava influenciando diretamente seu interesse e comportamento, resolvi ir até a escola conversar com a professora.

Na conversa com a professora, pude perceber que ela não estava bem, estava sobrecarregada e com problemas familiares, expliquei a ela a situação do meu filho, e ela me pediu desculpas, prometeu melhorar. A partir dessa conversa, a professora mudou sua postura com meu filho e também frente a sala de aula. Logo percebi que meu filho voltou a demonstrar interesse pelas aulas, principalmente as aulas de matemática e começou a me contar conversas dele com a professora, sempre muito feliz, com um largo sorriso no rosto. Me contava que tinha conversas com a professora sobre seus filhos, e isso o fazia feliz, o fazia se sentir importante para a professora.

Então pude compreender que a relação afetiva do professor com o aluno, influencia o processo de ensino – aprendizagem. “A aprendizagem ocorre se está adequada aos interesses do aluno, e todo interesse nasce de uma necessidade. O professor identificará as necessidades de seus alunos, criando condições para satisfazê-las”. (ALMEIDA, 1999, p.84). A atuação do professor pode deixar marcas em nossos alunos, marcas que podem colaborar (ou não) para que os alunos consigam concluir seus objetivos, uma vez que as interações e as relações de ensino podem transformar o desenvolvimento do aluno.

Na teoria Walloniana, o professor desempenha um papel ativo na construção da pessoa do aluno. O professor deve basear a sua ação fundamentada no pressuposto de que o que o aluno conquista no plano afetivo é um lastro para o desenvolvimento cognitivo, e vice-versa. (ALMEIDA E MAHONEY, 2007, p.126).

A escola é peça importante para a interação social da criança, interação que traz modificações no comportamento, como resultado do contato e da comunicação que estabelece e o campo afetivo acompanha diretamente esse processo. A qualidade da mediação desenvolvida pelo professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação do aluno com o objeto do conhecimento.

Minha escolha em estudar a teoria da afetividade, baseando-me na teoria de Henri Wallon decorre de várias razões:

- Sua teoria psicogenética traz uma grande contribuição para a compreensão do processo do desenvolvimento e também traz contribuições para o processo de ensino – aprendizagem. A teoria aponta meios para compreender a interação entre aluno - professor.
- Traz a questão do desenvolvimento no contexto em que a criança está inserida, e aponta a escola como um dos meios fundamentais para o desenvolvimento do aluno e do professor.
- A teoria de Henri Wallon é um instrumento que pode contribuir para a compreensão do professor sobre as possibilidades do aluno no processo de ensino – aprendizagem. Na medida em que a teoria se descreve, traz características em cada estágio que oferece elementos para uma reflexão para tornar o processo mais produtivo.
- O conjunto afetivo é responsável pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão.

Nesse sentido o objetivo geral dessa pesquisa busca compreender qual o papel da afetividade na vida do indivíduo desde o seu nascimento, usando como referência a teoria da afetividade de Henri Wallon. Já nos objetivos específicos, a finalidade é conhecer como a afetividade do professor influencia no processo de ensino e aprendizagem e conhecer como sentimentos e emoções permeiam o tempo todo situações que ocorrem no ambiente escolar.

O método utilizado para desenvolver esse estudo é a pesquisa bibliográfica que é aquela realizada segundo Gil (2007, p. 17):

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Essa monografia está organizada em dois capítulos: O primeiro capítulo trata sobre a afetividade, segundo a teoria de Henry Wallon. O segundo capítulo discute a afetividade no processo de ensino e aprendizagem. (A relação Professor/ Aluno: o papel do professor), e as questões relacionadas à afetividade no processo da avaliação.

CAPÍTULO I A AFETIVIDADE

De acordo com Almeida (2014), a afetividade nos acompanha desde o nosso nascimento, estamos cercados por diversas situações afetivas em nosso cotidiano, em nossa vida familiar, em nosso trabalho e até mesmo em nossa vida acadêmica. As pessoas que não conhecem amplamente o significado da afetividade tendem a julgar de maneira errônea. Ter afeto por alguém, não significa aceitar tudo o que ela faz, não precisamos concordar com seus atos. O afeto leva em consideração as necessidades do indivíduo, mesmo que seja necessária uma intervenção em suas atitudes por parte do outro.

Através das experiências que vivemos nos tornamos mais ou menos afetivos, o meio em que estamos inseridos apresentam fatores cruciais que determinam nossa natureza afetiva ao longo de nossa vida. Sendo assim, nossas emoções e sentimentos estão em constante transformação, vamos transformando essas emoções ao longo de nossa trajetória, de maneira positiva ou negativa.

Esse capítulo foi pautado na teoria da afetividade de Henri Wallon, estudioso que teve uma trajetória brilhante, formado em Medicina, Filosofia, Psiquiatria e Psicologia, que deram a ele um embasamento teórico rico para estudar a afetividade.

A teoria aponta para duas ordens de fatores que irão constituir as condições em que emergem as atividades de cada estágio: fatores orgânicos e fatores sociais. Será no mergulho do organismo em dada cultura, em determinada época, que desenvolveram as características de cada estágio. A interação entre esses fatores define as possibilidades e os limites dessa característica. A existência individual como estrutura orgânica e fisiológica está enquadrada na existência social de sua época (MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.12).

Sua teoria propõe uma divisão em estágios, mas, essa divisão se dá apenas para melhor compreensão da teoria, pois, a afetividade não é fragmentada, apenas se divide em estágios para melhor compreensão.

Segundo Wallon (apud ALMEIDA e MAHONEY, 2014, p.17):

A afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes resultantes de sua integração nas emoções, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole.

De acordo com Almeida e Mahoney (2014), a afetividade na vida do indivíduo surge a partir das situações vividas por ele, algumas experiências de vida podem determinar como esse desenvolvimento acontecerá. Sendo assim, o afeto também é responsável por determinar a segurança na vida do mesmo. Precisamos levar em consideração o histórico

de vida da criança, já que o meio físico e o biológico são responsáveis por determinar como ela se desenvolve e como consequência, como o afeto ou a falta dele influenciará sua vida. As sensações internas se juntam com as sensações externas, ou seja, um conjunto de sensações surgem a partir da interação com o meio externo, dando origem a afetividade do indivíduo.

Para iniciarmos o estudo da afetividade precisamos entender o conjunto funcional da afetividade: afetividade, emoção, sentimento e paixão, pois um conceito está interligado ao outro na teoria de Henri Wallon.

Segundo Mahoney e Almeida (2005), a emoção está ligada ao estado orgânico do corpo do indivíduo, no início quando nascemos, somos dependentes da ação do outro para sanar nossas necessidades básicas, nesse momento a emoção predomina. Quando o bebê sorri para a mãe, por exemplo, está expressando uma emoção de ordem primitiva.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), inicialmente a afetividade tem o papel de suprir nossas necessidades básicas, o instinto de sobrevivência fala mais alto; em seguida o aspecto social vai ganhando destaque na vida do mesmo. A emoção manifesta-se inicialmente pelo choro, pelo sorriso, depois no aspecto social, a emoção se dá através da contagiosidade, da plasticidade e da regressividade.

A contagiosidade é a reação emocional que a criança direciona ao espectador, podendo contagia-la com sua emoção. Um exemplo clássico é o lindo sorriso de um bebê, é impossível não se contagiar com tal expressão tão linda de emoção. Já a plasticidade manifesta-se fisicamente por conta de uma determinada emoção, como por exemplo, sentir vergonha de determinada situação, ficando com o rosto vermelho. Já a regressividade refere-se ao momento da emoção onde agimos sem pensar, agimos em uma determinada situação pelo impulso do momento.

Segundo Wallon (apud ALMEIDA e MAHONEY, 2007, p.17,18):

A emoção é exteriorização da afetividade, é sua expressão corporal, motora. Tem um poder plástico, expressivo e contagioso; é o recurso de ligação entre o orgânico e o social: estabelece os primeiros laços com o mundo humano e, através deste, com o mundo físico e cultural. As emoções compõem sistemas de atitudes reveladas pelo tônus (nível de tensão muscular), combinado com intenções conforme as diferentes situações. Das oscilações viscerais e musculares se diferenciam as emoções e se estabelecem padrões posturais para medo, alegria, raiva, ciúme, tristeza etc.

A emoção é uma forma de participação mútua, que funde as relações interindividuais. Ela estimula o desenvolvimento cognitivo e, assim, propicia mudanças que tendem a diminuí-la. Estabelece-se um antagonismo entre emoção e atividade intelectual: sempre que dominam atitudes afetivas as

imagens mentais se confundem; quando o predomínio é cognitivo, as imagens são mais claras.

De acordo com Almeida e Mahoney (2007), através dos sentimentos conseguimos traduzir para o outro como estamos sendo afetado pelo meio, um outro fator muito importante é o autocontrole que o indivíduo precisa ter para conseguir lidar com conflitos e situações de emergência. O sentimento é o resultado de uma emoção, que pode manifestar-se de forma positiva ou negativa. São impulsos que podem gerar sentimentos saudáveis de felicidade, ou perturbações, como o estado de depressão por exemplo. É preciso dominar os sentimentos para poder modificá-los; uma pessoa que não consegue exercer domínio sobre seus sentimentos e que tenha ódio, por exemplo, pode chegar a cometer um crime por conta deste sentimento.

Segundo Wallon (apud ALMEIDA e MAHONEY 2007, p.18):

O sentimento é a expressão representacional da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como a emoção. Tende a reprimir, a impor controles que quebrem a potência da emoção. Os sentimentos podem ser expressos pela mímica e pela linguagem. O adulto tem maiores recursos de expressá-los, traduz intelectualmente seus motivos e circunstâncias.

Segundo Almeida e Mahoney (2007), a paixão é um estágio mais avançado; estágio que exige do indivíduo um autocontrole muito grande sobre a situação, estágio onde a individualidade acaba se sobressaindo. O indivíduo se coloca em segundo plano para suprir a necessidade do outro. Inicialmente a paixão era relacionada apenas com o sofrimento, ao longo do tempo, estudos foram apontando que a paixão também está relacionada com o amor.

Segundo o dicionário Aurélio (2010), (1) a paixão é um sentimento ou emoção, levados a um alto grau de intensidade. (2) Entusiasmo muito vivo. (3) Atividade, hábito ou vício dominador. “A paixão revela o aparecimento do autocontrole como condição para dominar uma situação. Para tanto, configura a situação (cognitivo), o comportamento, de forma a atender às necessidades afetivas”. (ALMEIDA, 2014, p.18).

Entendendo o conjunto funcional que compõe a afetividade, o próximo passo é conhecer os seus estágios, estágios que determinam o desenvolvimento. (Impulsivo Emocional, Sensório Motor e Projetivo, Personalismo, Categorical, Puberdade e Adolescência).

A sequência de estágios proposta na teoria de Wallon está dividida da seguinte maneira: Impulsivo emocional (0 a 1 ano), Sensório- Motor e Projetivo (1 a 3 anos),

Personalismo (3 a 6 anos), Categorical (6 a 11 anos), Puberdade e Adolescência (11 anos em diante).

1.1 Estágio Impulsivo Emocional (0 a 1 ano)

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), no começo a criança está totalmente dependente do meio externo que ela está inserida, ela não consegue resolver suas necessidades mais simples sozinha, precisa sempre do auxílio do outro para sanar suas necessidades básicas. As pessoas que cuidam dessa criança ficam responsáveis por fazer a interpretação dos gestos que demonstram suas necessidades.

Nesse início, o adulto responsável por esse bebê estará cercado-o com afetividade e emoções, trazendo as respostas para suas necessidades. Com o passar do tempo a interação criará uma comunicação mútua, mesmo que ainda o bebê não consiga falar, o adulto consegue se comunicar através de gestos com o mesmo, passa a entender suas necessidades e constrói uma relação cheia de significados.

De acordo com WALLON, 1975, p.153 apud MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.19-20:

“[...] é-lhes indispensável uma assistência á todos os instantes. É um ser cujas reações têm todas as necessidades a ser completadas, compensadas. “Incapaz de efetuar algo por si só, manipulado por outrem, e é nos movimentos do outro, que tomarão forma as primeiras atitudes”.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), no início a relação do bebê com o adulto é tão intensa que ele não consegue diferenciar o eu do outro. Com o passar do tempo, a vivência descrita por Wallon como estado sincrético social vai preparando esse bebe, paulatinamente, fazendo com que o mesmo consiga fazer essa diferenciação.

Em alguns momentos, vivemos algum tipo de situação, onde somos responsáveis pela ação, outra hora, somos o objeto da ação. E a criança vai conseguindo se perceber dentro da relação com o seu amadurecimento. Neste momento o afeto dá-se por conta de o mesmo conseguir afetar de alguma maneira o meio para suprir suas necessidades, a partir daí temos início a consciência subjetiva da criança, onde as primeiras imagens mentais vão se formando, e posteriormente, surgirão as primeiras marcas de sua individualidade.

As relações de trocas vão permitindo a interpretação e os significados do meio, com o passar do tempo esses significados vão se concretizando de maneira mais elaborada, e o bebê vai conseguindo colocar intensão em suas ações.

A partir desse momento surgem os primeiros sinais de cognição no bebê. Ele começa a exprimir respostas afetivas ao meio, como alegria, medo e surpresa, por exemplo.

Há uma grande relação entre a emoção e o tônus, segundo Wallon, o tônus é a fonte da emoção. “[...] moldado simultaneamente pelas variações produzidas tanto no ambiente como nas vísceras e na atividade própria do indivíduo, o tônus é de fato constituído para favorecer uma base material a vida afetiva” (WALLON, 1995, p.141 apud MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.26).

Para conseguirmos compreender o tônus descrito pela teoria de Wallon, precisamos entender que se trata da relação que o bebê estabelece com sua mãe, “diálogo tônico-postural” onde o bebê responde as carícias ou a entonação de voz da sua mãe. Já quando apresenta movimentos e gestos excessivos aos normais, ou seja, quando ele está muito agitado “acumulação de tônus” ele pode apresentar alguns sinais de sofrimento e tristeza.

Portanto, a função do tônus descrito por Wallon, dá suporte à emoção e acaba estabelecendo uma relação complementar na passagem do estágio impulsivo emocional para o estágio sensório motor e projetivo, por volta dos doze meses de vida, começa agora um período cognitivo onde a criança precisa do concreto para fazer a construção do real.

1.2 Estágio Sensório-Motor e Projetivo (1 a 3 anos)

Segundo Mahoney e Almeida (2005), nesse período a ênfase maior fica na construção da realidade, a criança começa a adquirir aptidão simbólica com a representação, ela explora e manipula o meio e os objetos em busca de respostas.

Os objetos que a rodeiam começam a ser para ela uma oportunidade de movimentos que não tem muito a ver com sua estrutura. Ela os atira ao chão, observando seu desaparecimento. Tendo aprendido a agarrá-los, deslocá-los com força, como para exercitar os olhos a encontrá-los em cada nova posição. Se eles têm partes que se entrecrocavam, ela não para de reproduzir o som percebido, agitando-os de novo. (WALLON, 1994, p.148 apud MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.33).

Ela passa a ser mais independente, pois com o início da linguagem oral e com a exploração do meio e do espaço, ela consegue modificar seu próprio ambiente, consegue deslocar-se, construindo a partir das experiências os significados. Identificar e nomear objetos são grandes conquistas nessa fase, pois a relação que ela estabelece com o espaço e os objetos geram uma inteligência prática que é responsável por agrupar e nomear os objetos.

“[...] com a linguagem aparece à possibilidade de objetivação dos desejos. A permanência e a objetividade da palavra permitem a criança separar-se de suas motivações momentâneas, prolongar na lembrança uma

experiência, antecipar, combinar, calcular, imaginar, sonhar”. (WALLON, 1990, p.144 apud MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.33).

Com o início do pensamento ela ainda depende dos gestos para exteriorizar o pensamento, ela ainda não consegue imaginar sem representar. A passagem do estágio sensório motor para o projetivo começa quando a criança começa a perceber que os objetos antes necessários para a elaboração do pensamento deixam de ser importantes, abrindo caminho para a representação como suporte através da ação motora. Um exemplo para compreendermos melhor a situação é quando uma criança pequena ganha uma bola, e você pergunta a ela o que foi que ela ganhou ela responde abrindo os braços para representar o tamanho da bola. “[...] a partir desse momento o ato mental projeta-se em atos motores” (WALLON, 1978 p. 107 apud MAHONEY e ALMEIDA 2005, p.34).

Nesse período temos a imitação e o simulacro. A imitação é um recurso simbólico, inicialmente afetivo, são os primeiros objetivos que orientam as ações. Já no simulacro, também predomina a representação, porém os pensamentos baseiam-se em gestos, sendo assim, a criança simula a utilização de algum objeto, mas, não o utiliza, apenas o imagina, isso acaba gerando o suporte que ela vai precisar futuramente para lidar com as situações de ficção, invenção e criação.

Se, com efeito, o pensamento da criança permanece tanto tempo dominado por suas impressões sucessivas, se é essencialmente concreto e sincrético, ou seja, incapaz de analisar, de diferenciar as relações que existem entre as coisas, é por não poder distribuí-las entre si de forma diferente daquela em que apresentam em cada experiência particular, de não saber formar imagens distintas e diferentemente combináveis, nem ter um campo de representação em que elas possam evoluir. (WALLON, 1978, p.139 apud MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.35).

Portanto, a criança só conseguirá distinguir a realidade da representação quando conseguir organizar seus pensamentos. A partir dos dois anos, ela conseguirá perceber-se na imagem refletida no espelho, continuará a ter grandes avanços cognitivos, porém mesmo com esses avanços ela ainda permanecerá fechada a algumas circunstâncias, por conta do amadurecimento emocional.

1.3 Estágio do Personalismo (3 a 6 anos)

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), a partir de agora, a criança começa a construção efetiva de sua personalidade, onde a consciência corporal e a capacidade simbólica serão fundamentais nesse processo.

Na teoria walloniana, a relação entre os progressos da afetividade e os da inteligência só podem ser compreendidos a partir de uma relação de

reciprocidade e de interdependência. As condições para a evolução da inteligência têm raízes no desenvolvimento da afetividade e vice-versa. Dessa forma, para se pensar a pessoa na psicogenética walloniana, é preciso compreendê-la a partir da integração da inteligência, da afetividade e do ato motor. (MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.40).

Segundo Mahoney e Almeida (2005), a criança nesse período é cercada por grandes conquistas e também por grandes contradições, que vão permeando as situações por ela vividas. Nesse momento ela começa a fazer uso do pronome pessoal na primeira pessoa: “o eu, o mim” e aos poucos ela vai tendo uma grande evolução na linguagem.

Esse estágio é marcado por três fases: a oposição, a sedução e a imitação. Por volta dos três anos à criança entra na fase da oposição, onde muitas vezes ela entra em crise sem motivos relevantes. Apenas para se afirmar e se diferenciar do outro, direcionando todas as atenções para si. É a fase onde a criança sente prazer em contradizer as pessoas, para sentir-se independente.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), a criança evolui gradativamente, nessa fase as crianças ainda são muito egocêntricas, brigam para brincar com um mesmo objeto, mesmo tendo outro igual. Na fase descrita por Wallon como a fase da sedução, ou idade da graça, a criança precisa ser admirada pelas pessoas que a cercam, ela faz o possível para conseguir agradar o outro, sendo o centro das atenções. Essa fase é marcada também pelo ciúme, que aparece nas diversas situações por conta da grande ansiedade que ela apresenta.

É uma fase considerada crucial ao desenvolvimento, pois é o período que determina a segurança na relação com o outro. Por isso, o adulto tem o importante papel de saber orientar e trabalhar com a criança, para que a mesma consiga estabelecer boas relações, e sinta-se segura na relação com o outro.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), a terceira fase descrita por Wallon, é a imitação, é a fase onde a criança vê o outro como modelo a ser seguido. Ela imita o adulto nas diversas situações do dia a dia, é comum também imitar desenhos e filmes, por isso devemos redobrar a atenção nesse momento para que não ocorram acidentes. Segundo Wallon a imitação está dividida em graus, que começam no estágio sensório motor e se estende até o estágio do personalismo.

A criança busca independência, assegurando-se no afeto que a família lhe proporciona. Esse período é marcado por muita afetividade e moralidade. A criança consegue perceber a aprovação ou a desaprovação de suas atitudes por parte do outro. A família e o meio escolar são fundamentais no desenvolvimento da criança, mas, a família ainda acaba sendo a principal referência dessa criança. Para Wallon, a pré-escola tem o

papel de preparar a criança para o período posterior, onde a influência da família deixa de ser única e exclusiva, passando a conviver com diferentes pessoas e outras crianças da mesma idade.

A escola é um meio para a continuação de grupos que são iniciadores das práticas sociais e intervém no processo de desenvolvimento, em torno dos três anos, quando a simbiose afetiva e o sincretismo subjetivo, característicos do comportamento infantil nos estágios anteriores, já apresentam sensível redução. Ao estudar a influência dos grupos na evolução do sujeito, Wallon ressalta que, além de serem importantes para a aprendizagem social da criança, também o são para a constituição de sua pessoa e para o conhecimento que dela pode ter. (MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.46).

1.4 Estágio Categorial (6 a 11 anos)

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), nessa fase a criança consegue se perceber como integrante de um determinado grupo. Uma característica que marca o início desse estágio é a autodisciplina mental, ou a “atenção” que a criança consegue ter. A partir de agora ela começa a ter práticas sociais, práticas que também são influenciadas pelo meio social que ela está inserida e acabam influenciando suas práticas.

Os meios onde a criança vive e os que ambicionam são o molde que dá cunho à sua pessoa. Não se trata de um cunho passivamente suportado. O meio de que depende começa certamente por dirigir suas condutas, e o hábito precede a escolha, mas a escolha pode impor-se, quer para resolver discordâncias, que por comparação de seus próprios meios com outros (WALLON, 1975, p.167apud MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p.53).

A partir de desse momento, a escola passa a exigir da criança uma maior participação nas relações, ela precisa ser mais flexível em suas relações com o amigo, com o Professor, enfim com o outro. Agora ela passa a ter uma inteligência discursiva; para Wallon o ponto de partida da inteligência discursiva é a ideia de par, que sustenta o pensamento sincrético.

No pensamento por pares, a criança não consegue operar com sistemas de relações; as noções de tempo e lugar se embarçam no curso de suas ideias. Não consegue distinguir fato e causa agente e efeito; classifica os objetos de acordo com a relação que tem com eles ou a partir de suas disposições no momento. Assim, ela pode explicar que a lâmpada vê porque clareia que uma pessoa dorme porque sonha, por exemplo. Cada objeto concentra em si todas as qualidades que o definem, e uma característica pode exprimir a totalidade de um conjunto (MAHONEY e ALMEIDA, 2005.p.55).

Segundo Mahoney e Almeida (2005), quando a criança se torna capaz de identificar, comparar e classificar os objetos, determinando sua existência e fazendo relação com o tempo, ela passa a ter consciência do papel que o outro tem com si mesma. Através da

influência que ela recebe da cultura que está inserida, torna-se capaz de organizar seus pensamentos com base em dados concretos que ela recebe do meio. Nesse momento ela ainda precisa da aprovação do outro, precisa ser estimulada e ainda sente a necessidade de ser aceita pelos grupos que está inserida. Por isso, é fundamental um equilíbrio afetivo, para que ela consiga lidar com as crises que marcam o próximo estágio. O papel que o adulto exerce nesse momento é muito importante para que essa criança consiga o equilíbrio emocional necessário.

1.5 Estágio da Puberdade e Adolescência (11 anos em diante)

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), Esse estágio é marcado por crises de todas as dimensões, é a etapa que antecede a chegada a vida adulta. As transformações começam pelo físico e também chegam ao campo afetivo. É marcada por sentimentos que demonstram o desequilíbrio emocional que marca essa fase cheia de fragilidades.

A adolescência é marcada pela fragilidade, muitas vezes uma simples palavra pode gerar uma imensa tempestade, com o passar do tempo e com as experiências ele vai começando a amadurecer e começa a planejar objetivos para sua vida adulta, como o que quer estudar, aonde quer trabalhar, e assim começa a estabelecer metas, e isso vai marcando sua passagem para a vida adulta.

A razão adquire a posse de todos os seus recursos, e pela primeira vez o jovem mostra-se capaz de aprender o mundo exterior como uma construção coerente e inteligível. Já pode distinguir o possível do real, sendo capaz, por exemplo, de examinar mentalmente um grande número de possibilidades, de formular hipóteses e de comprová-las no plano de ideias, tornando a realidade concreta uma preocupação secundária (MAHONEY e ALMEIDA, 2005 p.69).

O estudo sobre a afetividade vem nos mostrar como o papel da afetividade é importante na vida do indivíduo, e como o meio social que o mesmo está inserido, afeta sua formação moral, psíquica e social. A partir das experiências vividas pelo indivíduo é possível perceber como ele vai estabelecer as relações afetivas com o meio, dependendo da mediação que ele recebe do outro em sua formação ele pode ser mais ou menos afetivo.

A teoria de Wallon é bastante rica, e vem detalhando todo o processo da afetividade desde os primeiros anos da criança. Através dela é possível entender como podemos mudar nosso olhar, para assim, compreender como o desenvolvimento de cada um se dá de maneiras diferentes, ninguém é igual justamente por conta das diversas influências que recebe do meio.

Compreendendo como o indivíduo estabelece seus vínculos afetivos, é importante também entender como esse processo acontece na vida escolar da criança e como a afetividade influencia diretamente no processo de aprendizagem.

CAPÍTULO II A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: O OLHAR DO PROFESSOR

De acordo com Almeida e Mahoney (2014), são inúmeras as situações em sala de aula que podem influenciar os sentimentos dos alunos, o professor precisa saber lidar com as situações recorrentes do dia a dia em sala. A alegria, por exemplo, é um sentimento facilmente visto em diversas situações que acontecem na sala, atividades diversificadas e lúdicas normalmente trazem bastante alegria às crianças, como jogos, trabalho em equipes, passeios etc.

O professor precisa criar estratégias de ensino de acordo com as necessidades dos alunos, é preciso que o professor seja um facilitador da aprendizagem, reconheça as necessidades do grupo, para que assim consiga desenvolver atividades que venham suprir essas necessidades. A postura do professor frente à sala e a maneira como ele estabelece o vínculo afetivo com os alunos pode fazer toda a diferença no processo de aprendizagem, pois quando o aluno se sente acolhido pelo professor ele consegue sentir-se seguro e seu desempenho é notavelmente melhor.

Segundo Almeida e Mahoney (2014), o afeto estudado nas relações e situações decorrentes do cotidiano escolar é um afeto mais evoluído, quando falamos de afeto logo nos vem em mente uma pessoa que seja muito carinhosa, mas, não é só isso, o afeto se dá em várias situações onde o professor precisa mostrar ao aluno que ele se importa e o respeita, é preciso fazer com que o aluno se sinta único, seguro e querido.

Assim como o professor pode e deve proporcionar um ambiente rico e facilitador da aprendizagem, ele pode também criar um ambiente desfavorável, fazendo com que os alunos venham sentir tristeza, insegurança e frustração por exemplo. Situações como deixar o aluno sem recreio, mudar o aluno de lugar, várias vezes e gritar frequentemente com a sala são algumas situações que podem causar um número muito grande de sentimentos negativos por parte dos alunos.

De acordo com Almeida e Mahoney (2014), outro momento muito importante para os alunos é à hora do recreio, os alunos aguardam ansiosos por esse momento, momento onde eles vão interagir, conversar e brincar. Alguns professores utilizam o método de (castigar) o aluno deixando-o sem recreio, e isso gera muitos sentimentos negativos no aluno. O professor precisa entender que sentimentos podem acarretar danos irreversíveis na vida de uma pessoa, por isso precisa ter conhecimento para lidar com as situações que vão aparecer no dia a dia, mas, tirar o recreio de uma criança como forma de castigo é

muito ruim, esse momento pode gerar no aluno sentimento de tristeza, decepção, ansiedade, frustração e até mesmo raiva.

De acordo com Almeida e Mahoney (2014), o recreio é um momento cercado de afetividade, onde o professor deve ter a felicidade de poder participar, porque não brincar com os alunos, propor algo diferente, conversar, alguns alunos são extremamente carentes no campo afetivo e “gritam” o tempo todo por atenção, esse momento pode ser muito rico quando o professor se dispõe a participar.

Com relação aos conteúdos escolares trabalhados em sala: o professor precisa fazer as adaptações pertinentes ao grupo, respeitar a criança como sujeito único e capaz é um bom começo. Por isso devemos compreender como o professor é importante nesse processo ensino/ aprendizagem e como ele influencia diretamente o processo.

Na teoria walloniana, o professor desempenha um papel ativo na construção da pessoa do aluno. [...] o professor deve basear sua ação fundamentado no pressuposto de que o que o aluno conquista no plano afetivo é um lastro para o desenvolvimento cognitivo, e vice-versa. (ALMEIDA e MAHONEY 2014, p.126).

De acordo com Almeida e Mahoney (2014), assim como temos o professor facilitador da aprendizagem, também temos o professor que com suas atitudes acaba bloqueando a aprendizagem; atitudes como ameaçar, deixar sem recreio, constranger o aluno em público, acarretam um bloqueio no aluno e no processo de aprendizagem. Como o aluno precisa da aprovação do outro para se sentir bem, ele bloqueia, e seu aspecto emocional fica abalado.

Quando o professor confunde autoridade com autoritarismo, o desenrolar de muitas situações na sala de aula toma um rumo muito difícil de ser revertido, pois as atitudes assumidas pelo grupo, alunos e professor, delineiam uma convivência doente e pouco produtiva (ALMEIDA e MAHONEY, 2014, p. 52).

Segundo Almeida e Mahoney (2014), a pessoa deve ser vista na sua totalidade, não podemos fragmentar a maneira de olhar para o indivíduo, a afetividade também influencia o processo de aprendizagem do aluno. O professor precisa planejar suas aulas, conhecer muito bem o conteúdo que ele vai trabalhar com os alunos, uma boa didática faz se essencial.

De acordo com ALMEIDA e MAHONEY (2014, p.64):

A didática se caracteriza como mediação entre bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente. Ela opera como que uma ponte entre o “o que” e o “como” do processo pedagógico escolar. [...] o processo didático, efetiva a mediação escolar de objetivos, conteúdos e métodos das matérias de ensino. Em função disso, a Didática descreve e explica os anexos, relações entre o ensino e a aprendizagem [...]

Se a afetividade permeia todas as situações que vivenciamos isso também acontece na relação professor/ aluno; as ações do professor afetam diretamente a aprendizagem do aluno.

Segundo Tassoni (2013), existem oito aspectos que revelam a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, são eles: a forma que o professor ajuda os alunos; as formas de falar; as atividades propostas; as aprendizagens que vão além dos conteúdos; as formas de corrigir e avaliar; relação aluno/ objeto do conhecimento; relação professor como objeto do conhecimento; os sentimentos e as percepções dos alunos em relação ao professor. Aspectos vivenciados em sala de aula que afetam diretamente a aprendizagem.

Segundo Tassoni (2013), o professor deve estar atento as necessidades de cada aluno, é preciso reconhecer cada um como indivíduo único, respeitando seu tempo, seus limites e seu histórico de vida, é preciso dar bons exemplos. É muito importante que o professor demonstre disponibilidade para auxiliar as necessidades dos educandos, é preciso demonstrar para o aluno que você se importa com ele. É preciso demonstrar com ações concretas, como dar dicas, exemplos, auxiliar na escolha de materiais, ensiná-los a pesquisar, apresentar ferramentas que possam facilitar a aprendizagem; enfim, ensiná-lo a como obter bons resultados. Todas essas ações demonstram para o aluno de forma concreta como o professor realmente se importa com ele, sempre respeitando seus limites.

De acordo com Tassoni (2013), o professor deve tomar alguns cuidados, como prestar atenção na entonação da voz, pois quando o professor grita com muita frequência, as crianças tendem a gritar também. Portanto, a modulação da voz que o professor utiliza com os alunos, acaba sendo responsável por causar tranquilidade ou agitação e ansiedade nos alunos. É preciso também tomar cuidado com as palavras, pois podem causar sentimentos ruins. A postura do professor deve se adequar frente as necessidades, seja no coletivo ou no individual, o aluno precisa compreender com clareza a fala do professor.

É preciso respeitar e levar em consideração as necessidades apresentadas pelo grupo, o professor deve pensar as atividades levando em consideração o contexto social em que o aluno está inserido. Desenvolvendo atividades que contemplem os aspectos conhecido pelos alunos.

Segundo Tassoni (2013), crianças pequenas da educação infantil demonstram em pesquisa realizada que falar com carinho, o contato físico e a entonação da voz do professor influenciam diretamente no comportamento. Crianças que se encontram no estágio sensório-motor e projetivo encontram-se num período onde o aspecto cognitivo é

responsável por instrumentalizar a criança para o estágio seguinte que é o do personalismo, onde o domínio afetivo prepondera.

De acordo com Tassoni (2013), é preciso relacionar as atividades com a prática social, para assim conseguir com que os mesmos vejam significado na atividade, é preciso também pensar no material que vai ser utilizado na aula. Os aspectos afetivos permeiam o tempo todo, essas situações do dia a dia.

Podemos vivenciar em uma única aula várias situações aonde a aprendizagem vai muito além dos conteúdos didáticos. Em uma sala de aula sempre acontecem situações onde o professor pode trabalhar aspectos que ultrapassem os livros. Podemos trabalhar valores, respeito, solidariedade, aproveitando as situações do dia a dia.

Destacam-se as atividades que geram envolvimento e interesse por parte dos alunos, atividades que tragam algum tipo de sentido para o aluno, geralmente são os que apresentam maior e melhor aceitação. É importante também que o professor consiga contextualizar as atividades e sempre propor desafios aos alunos, assim é possível motivar os alunos a realizarem as atividades propostas.

Os fenômenos afetivos estão relacionados aos motivos e necessidades tanto dos alunos como dos professores. Para Wallon, a educação deve atender às necessidades, interesses e aptidões dos alunos. O professor, ao identificar tais aspectos, pode planejar situações que promovam sucesso, gerando motivação, ampliando e desenvolvendo capacidades e potencialidades. (MERANI, 1969 apud TASSONI, 2013.p 265).

Segundo Tassoni (2013), existem aprendizagens que vão muito além dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Aspectos que acabam influenciando diretamente os conteúdos formais. Professoras demonstram se importar por exemplo com a postura dos alunos. Sentar-se corretamente, pois isso pode prejudicar o aluno. Outro aspecto considerado importante é o da organização, como é importante saber se organizar para realizar com mais eficiência as tarefas. O professor pode também auxiliar os alunos a se perceberem dentro de determinadas situações como: nervosos/ ansiosos, mostrando a esses alunos como é importante o equilíbrio emocional para não se prejudicarem.

Baseando-se em pressupostos wallonianos, usa o termo cognitivização da afetividade para retratar que, conforme a criança vai se desenvolvendo as trocas afetivas vão ganhando complexidade. Identificar necessidades, demonstrar atenção as dificuldades e problemas dos alunos são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva. Conforme a criança avança em idade, ultrapassam-se os limites do afeto epidérmico, estabelecendo relações afetivas com exigências cognitivas. (DANTAS, 1992 apud TASSONI, 2013. p.266).

Portanto, é importante que o professor reconheça a importância que aprendizagens de outras naturezas influenciam diretamente na aprendizagem dos conteúdos formais trabalhados dentro da sala de aula.

Segundo Tassoni (2013), a postura do professor no processo de avaliar e corrigir os trabalhos e provas dos alunos afetam a maneira de pensar e a produção acadêmica do educando. Esse momento causa muita tensão nos alunos quando não há clareza por parte do professor nas explicações e correções. É preciso mostrar aos alunos o quanto esse processo se faz necessário, pois a partir dele o professor conseguirá saber das reais necessidades de cada um, e a partir de aí fazer as intervenções necessárias para que a aprendizagem ocorra da melhor maneira possível.

De acordo com Tassoni (2013), a postura que o professor assume frente às necessidades dos educandos, ou seja, a forma como atua, como explica os conteúdos a serem trabalhados e como auxilia os alunos, oferecendo ferramentas para que a aprendizagem ocorra, são aspectos que interferem na relação que o aluno estabelece com o objeto de conhecimento.

Para Tassoni (2013), a ação do professor, através de suas práticas pedagógicas, acaba influenciando a aprendizagem do aluno, pois se o professor gosta de dar aula de matemática, por exemplo, e a faz com prazer e alegria, os alunos tendem a gostar da disciplina de matemática. O contrário também acontece, por exemplo, se o professor não gosta de História, e sua aula é chata, conseqüentemente muitos alunos não vão gostar de História, assim como o professor.

O professor acaba influenciando os alunos até mesmo com sua postura, como ser organizado ou desorganizado, ser gentil ou ignorante, ser agitado ou calmo, tudo isso reflete no comportamento da sala. Outro aspecto importante a ser considerado é a contextualização dos conteúdos, quando o professor conhece o aluno, ele consegue aproximar os conteúdos a vida do aluno, com isso ele consegue compreender melhor os conceitos trabalhados.

Portanto, quando o aluno se identifica com o professor e gosta das aulas, isso se reflete em sua aprendizagem de forma significativa. Quando o professor compreende o indivíduo em sua complexidade e integra as dimensões afetivas, cognitiva e social, ele torna-se um facilitador da aprendizagem do aluno.

O vínculo que o aluno estabelece com o professor acaba interferindo em sua relação com o objeto de conhecimento, a interação com outros alunos também acaba influenciando a relação com o objeto de conhecimento. Pois, quando um aluno aprende e auxilia o amigo

a aprender, ele também acaba tendo uma percepção positiva em relação ao seu desempenho. “[...] nesse sentido, torna-se evidente a importância da dimensão afetiva no trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula” (TASSONI, 2013 p.267).

A partir da ampliação dos conhecimentos sobre a emoção e seus complexos processos de constituição, o conceito de homem centrado apenas na sua dimensão racional, típico da visão cartesiana, vem sendo revisto, em direção a uma concepção monista de constituição de ser humano, em que afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais aceitável analisá-las isoladamente. (LEITE, 2006 p.17 apud TASSONI, 2013, p.267).

De acordo com Tassoni (2013), refere-se aos aspectos que demonstram o conhecimento do professor em relação ao objeto de conhecimento, ou seja, o conteúdo que está ensinando, e como é sua relação com o que faz. A relação que o professor tem com o conhecimento que vai transmitir, influencia a relação do aluno com o conhecimento, influenciando suas preferências. O poder do contágio das emoções refere-se à tendência de propagação destas.

Portanto, o professor deve ter cuidado para não influenciar as crianças de forma negativa, por não gostar de um determinado conteúdo. Mas, quando o contágio se dá de forma positiva ele contribui com o desenvolvimento cognitivo do aluno. “Na teoria walloniana o poder do contágio das emoções refere-se à tendência de propagação destas. Os adultos, no convívio com as crianças, estão permanentemente expostos a um contágio emocional, e vice-versa” (TASSONI, 2013 p.268).

A emoção tem a necessidade de suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, tem sobre o outro uma grande força de contágio. É difícil ficar indiferente às suas manifestações, não se associar a elas através de arroubos de mesmo sentido, complementares ou mesmo antagônicos (WALLON 1995, p.99 apud TASSONI, 2013 p.268).

Tassoni (2013), explica que destaca – se novamente a importância da postura do professor frente às relações afetivas. Aspectos importantes a serem considerados por exemplo, são: a paciência do professor; a calma; como transmite a calma; saber brincar; a atenção; o carinho; e o respeito. Aspectos que quando bem trabalhados, acabam gerando confiança nos alunos para com o professor. “[...] compreender o domínio afetivo e seu papel no desenvolvimento humano é importante para entender a sua forma de manifestação e sua influência na dinâmica da sala de aula” (TASSONI, 2013 p.269).

Quando pequenas, as crianças passam por um estágio de diferenciação, onde ela se reconhece na relação com o outro e para isso acontecer, ocorre à imitação, portanto, a criança acaba valorizando os aspectos que o professor aponta como sendo importantes, ela

o vê como modelo a ser seguido. Por isso é tão importante que o professor tenha uma postura adequada.

O professor precisa conhecer o estágio que o aluno está passando para não cometer equívocos, crianças pequenas, sente muita necessidade de carinho e calma, crianças maiores no estágio categorial sentem maior necessidade de atenção do professor, já no estágio da puberdade e adolescência o aluno enfrenta um momento onde a oposição ao outro predomina, portanto, cabe ao professor reconhecer o momento que o aluno está vivendo, possibilitando a esse aluno um espaço de independência e autonomia para a construção de sua personalidade. “[...] compreender o domínio afetivo e seu papel no desenvolvimento humano é importante para entender a sua forma de manifestação e a sua influência na dinâmica da sala de aula” (TASSONI, 2013 p.269).

Portanto, a mediação do professor afeta diretamente a formação intelectual do aluno, pois é papel do professor subsidiar meios para que a aprendizagem ocorra da melhor maneira possível. Cabe ao professor conhecer e considerar o quanto de fato as relações afetivas influenciam na aprendizagem dos alunos. Para isso se faz necessário conhecer como a afetividade ou a falta dela acabam influenciando o comportamento e o processo de aprendizagem na vida do aluno.

A teoria walloniana vem tentando suprir essas necessidades que o professor tem de conhecer a relação da afetividade na vida do indivíduo. Contudo existem alguns aspectos que causam medo e insegurança nos alunos na vida escolar. A avaliação da aprendizagem é um aspecto importante a ser estudado e trabalhado junto com os alunos. É importante deixar claro que a postura que o professor assume frente a avaliação pode mudar a visão tradicional com que ela é vista por todos.

1. A avaliação da aprendizagem: A afetividade no processo de avaliar

Segundo Mahoney e Almeida (2005), o momento da avaliação dentro da sala de aula, quase sempre provoca nos alunos sentimentos de ansiedade, medo e insegurança, por conta das expectativas dos familiares com relação às notas. As crianças sabem das expectativas dos familiares e tentam corresponder às mesmas, por isso, sentimentos ruins acabam se manifestando nos dias de provas.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005), o professor precisa se posicionar de maneira positiva, transmitindo aos alunos a tranquilidade e a segurança necessária para a realização

das provas, explicando e trabalhando com eles a importância do momento dentro do processo de avaliar, precisa explicar como essa avaliação vai ajudar com que ele faça as intervenções necessárias para que a aprendizagem ocorra da melhor maneira possível. Evitando assim, com que os alunos vejam o momento como algo ruim, e que esses sentimentos passem a ser positivos e não negativos.

Zabala (1998), explica que quando pensamos em avaliação, logo pensamos nos resultados que os alunos apresentam diante dos conteúdos escolares, porém, precisamos entender que o ato de avaliar apresenta diversas dimensões. Através dessas dimensões podemos encontrar definições de avaliação bastante diferentes. O sujeito da avaliação pode ser o aluno, um grupo, uma classe ou até mesmo a equipe escolar.

Segundo Zabala (1998), podemos ter dois processos de avaliação: avaliar como o aluno aprende e avaliar como o professor ensina. Mas por questões de tradição o olhar na maioria das vezes acaba se voltando para os resultados obtidos pelos alunos. Muitas dificuldades encontradas nas escolas devem-se a hábitos e costumes acarretados por anos dentro da tradição escolar.

Por isso, o olhar sobre a avaliação normalmente se dá sobre o ponto de vista que o aluno precisa obter boas notas para poder prosseguir e chegar ao ensino universitário. Porém é preciso compreender que a função social do ensino não é apenas selecionar os melhores, e sim preparar os alunos para que desenvolvam todas as habilidades da melhor maneira possível. É preciso desenvolver a autonomia pessoal do aluno; o equilíbrio emocional; inseri-lo no meio social e também nos conteúdos de aprendizagem escolar.

De acordo com Zabala (1998), é preciso desenvolver todas as capacidades que o aluno precisa para se tornar um bom sujeito e considerando todos os aspectos a serem desenvolvidos, também um bom profissional. A partir desse olhar podemos ver a avaliação de diferentes formas.

Segundo ZABALA (1998, p.216):

Como qualquer outra variável metodológica, as características da avaliação dependem das finalidades que atribuímos ao ensino. A pergunta que estamos fazendo agora logicamente dependerá destes objetivos. A opção escola seletiva e propedêutica dá como resultado uma avaliação sancionadora e um instrumento informativo único – o boletim de notas – centrado nos resultados obtidos por áreas ou matérias. A resposta a esta pergunta será substancialmente diferente quando a opção for a de uma escola que presta atenção à diversidade e que busca a formação integral da pessoa.

De acordo com Zabala (1998), o professor precisa conhecer que tipo de atividade o aluno necessita para sua formação, levando em consideração todo o processo e não apenas o resultado obtido. É preciso registrar o processo para assim conseguir analisar o progresso do aluno, para assim fazer a avaliação de maneira adequada, considerando todo o processo.

Considerando a avaliação da aprendizagem segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), a concepção de avaliação não deve ser vista com a visão tradicional, visão que utiliza a avaliação como um meio para se obter controle sobre os alunos e sim uma visão que vê a avaliação como parte integrante ao processo educacional.

De acordo com o PCN (1997), a avaliação não deve ser utilizada como instrumento para julgar os sucessos ou fracassos dos alunos e sim como instrumento de intervenção pedagógica, orientando o professor a como fazer as adaptações necessárias, para que os alunos obtenham sucesso na aprendizagem.

Segundo o PCN (1997), a avaliação deve ser contínua, levando sempre em consideração o progresso que o aluno constrói ao longo do processo. É preciso fazer alguns ajustes durante o caminho, levando sempre em consideração os conhecimentos prévios que os alunos possuem e também é importante que o professor sempre proponha novos desafios. É preciso também considerar a diversidade de instrumentos e situações que possibilitem avaliar as diversas capacidades e conteúdos do currículo, contextualizando sempre os saberes para aproximar os alunos às situações que façam sentido a sua vida.

Portanto, de acordo com o PCN (1997, p.56):

Em suma, a avaliação contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais é compreendida como: elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino; conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma; conjunto de ações que busca obter informações sobre o que foi aprendido e como; elemento de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa; instrumento que possibilita ao aluno tomar consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades; ação que ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalho. Uma concepção desse tipo pressupõe considerar tanto o processo que o aluno desenvolve ao aprender como o produto alcançado. Pressupõe também que a avaliação se aplique não apenas ao aluno, considerando as expectativas de aprendizagem, mas às condições oferecidas para que isso ocorra. Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido — se, por exemplo, não há a aprendizagem esperada significa que o ensino não cumpriu com sua finalidade: a de fazer aprender.

Segundo o PCN (1997), o professor deve ser cauteloso com o processo de aprovação ou reprovação, pois em alguns casos a reprovação garante melhores condições

de aprendizagem para que os alunos possam aprender o que até então não tenham conseguido. Cabe ao professor analisar as diferentes capacidades dos alunos, aproveitando esses conhecimentos de maneira integral. A avaliação não deve ser vista como castigo e sim como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem. Em casos de repetência o processo deve ser visto como medida educativa a fim de garantir o sucesso da aprendizagem do aluno.

De acordo com o PCN (1997, p.60):

A permanência em um ano ou mais no ciclo deve ser compreendida como uma medida educativa para que o aluno tenha oportunidade e expectativa de sucesso e motivação, para garantir a melhoria de condições para a aprendizagem. Quer a decisão seja de reprovar ou aprovar um aluno com dificuldades, esta deve sempre ser acompanhada de encaminhamentos de apoio e ajuda para garantir a qualidade das aprendizagens e o desenvolvimento das capacidades esperadas.

O PCN (1997), aponta outras questões a serem consideradas em torno da avaliação da aprendizagem como por exemplo a função de controle social. Como a escola tem o papel de promover o ensino e a aprendizagem de determinados conteúdos, contribuindo assim com a formação efetiva de seus cidadãos, cabe a escola responder a sociedade sobre suas respectivas responsabilidades.

Segundo o PCN (1997), é preciso também considerar outros aspectos dentro do processo da avaliação da aprendizagem para se obter um bom resultado. Aspectos como a didática; a autonomia do aluno; a diversidade; interação e cooperação; disponibilidade para a aprendizagem; organização do tempo; organização do espaço e a seleção de material são aspectos importantes a serem considerados e que serão discutidos a seguir.

Os objetivos esperados para o Ensino Fundamental dependem da prática educativa, prática que tem como finalidade a formação de um indivíduo autônomo e participativo. Dentro do PCN o professor recebe orientações didáticas para nortear o seu trabalho.

A autonomia do aluno deve ser desenvolvida e o professor dele levar isso como prática a ser desenvolvida em sala de aula, o professor deve auxiliar o aluno na construção de seus próprios conhecimentos, levando sempre em consideração seus conhecimentos prévios.

De acordo com o PCN (1997), para se desenvolver a autonomia do aluno é preciso dar a ele suporte, tanto material como intelectual e emocional. É importante salientar que a construção da autonomia não deve ser confundida com a independência do mesmo.

É importante ressaltar que a construção da autonomia não se confunde com atitudes de independência. O aluno pode ser independente para realizar

uma série de atividades, enquanto seus recursos internos para se governar são ainda incipientes. A independência é uma manifestação importante para o desenvolvimento, mas não deve ser confundida com autonomia (PCN, 1997, p.62).

Segundo o PCN (1997), o professor deve levar em conta a diversidade dos indivíduos, adequando o currículo de maneira que contemple a diversidade. É preciso levar em consideração os interesses dos alunos para assim conseguir motivá-los a aprender. É preciso considerar os fatores sociais, culturais e também características pessoais. “[...] concluindo, a atenção à diversidade é um princípio comprometido com a equidade, ou seja, com o direito de todos os alunos realizarem as aprendizagens fundamentais para seu desenvolvimento e socialização” (PCN, 1997, p.63).

Outro aspecto a ser levado em conta é que dentro da vida escolar do aluno um dos objetivos é que o aluno consiga desenvolver-se de maneira integral. É importante que ele consiga trabalhar em grupo, aprender a cooperar para que assim consiga bons resultados nos trabalhos em equipe. É importante que o professor possibilite situações para que esse aspecto seja trabalhado com os alunos. Não é tarefa fácil, porém necessária.

De acordo com o PCN (1997), para que a aprendizagem venha ocorrer de fato é necessário que o aluno esteja envolvido no processo, ou seja, que ele queira aprender. O aluno precisa estar motivado a aprender, e o professor precisa então conhecer seus alunos e suas necessidades, para assim adequar os conteúdos de forma que venha suprir as necessidades de cada um. Existem diversos fatores externos que influenciam na aprendizagem do aluno, fatores socioculturais, e familiares influenciam diretamente. Por isso aproximar o aluno a aprendizagem de maneira efetiva nem sempre é tarefa fácil, o professor precisa conhecer os fatores que influenciam para que assim consiga auxiliar.

O PCN (1997) ressalta que, a organização do tempo interfere na maneira como a criança vai desenvolver sua autonomia, portanto, cabe ao professor promover situações em que o aluno consiga gradativamente controlar o tempo em que desenvolve suas atividades.

A consideração do tempo como variável que interfere na construção da autonomia permite ao professor criar situações em que o aluno possa progressivamente controlar a realização de suas atividades. Por meio de erros e acertos, o aluno toma consciência de suas possibilidades e constrói mecanismos de auto regulação que possibilitam decidir como alocar seu tempo (PCN, 1997, p.67).

Segundo o PCN (1997), a organização do espaço no ambiente escolar deve se adequar de acordo com o trabalho a ser realizado, é importante frisar que a organização do

espaço não é apenas o da sala de aula, mas sim todo o espaço que permite que a aprendizagem aconteça.

É importante salientar que o espaço de aprendizagem não se restringe à escola, sendo necessário propor atividades que ocorram fora dela. A programação deve contar com passeios, excursões, teatro, cinema, visitas a fábricas, marcenarias, padarias, enfim, com as possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar. (PCN,1997, p.67).

A seleção do material deve ser feita com cautela, pois um único material nem sempre é o suficiente para suprir as necessidades dos alunos. O professor não deve utilizar o livro didático como material exclusivo. “[...] a utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta” (PCN, 1997, p.67).

Segundo o PCN (1997), a qualidade do ensino não pode depender da boa vontade de um ou outro professor, é preciso que todos os envolvidos participem desse processo, as metas estabelecidas são metas de longo prazo, portanto é preciso empenho por parte dos funcionários, recursos e organização do tempo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados com a finalidade de auxiliar os professores a refletirem sobre suas práticas, é um material norteador que auxilia os professores também a pensarem o processo de avaliar de maneira diferente, considerando o aluno como sujeito único.

De acordo com o PCN (1997 p.55):

A concepção de avaliação dos Parâmetros Curriculares Nacionais vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno mediante notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional.

O professor precisa ser cauteloso com as avaliações, precisa levar em consideração que se trata de um processo, onde muitos aspectos devem ser levados em consideração para que os alunos não sintam medo de serem avaliados. Quando o professor faz a avaliação de maneira equivocada os alunos podem sofrer ao serem avaliados.

Luckesi (2005) explica que, as avaliações podem gerar nos alunos sentimentos negativos, como ansiedade, medo, frustração, nervosismo, enfim, dependendo da postura do professor frente às avaliações, os alunos podem fazer uma associação negativa com relação à prova, e isso pode tornar-se um trauma tão grande que esse aluno levará esse sentimento negativo por toda sua vida. Por isso o professor deve ser muito cauteloso com suas atitudes em sala de aula.

O instrumento 'prova', um dos instrumentos da avaliação da aprendizagem, pode causar grande insegurança nos alunos, e dependendo da postura do professor, isso pode tornar-se um trauma. O professor precisa transmitir aos alunos que através da prova o professor consegue fazer as adequações necessárias de acordo com a necessidade de cada aluno. Transmitir segurança e tranquilidade aos alunos é fundamental nesse momento.

De acordo com LUCKESI (2005, p.174): "a avaliação da aprendizagem tem dois objetivos: auxiliar o aluno em seu desenvolvimento pessoal e a partir do processo de ensino/aprendizagem, responder a sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado". Por isso a responsabilidade que o professor tem frente a uma sociedade é muito significativa, pois se ele consegue desenvolver um bom trabalho com esses alunos, considerando os aspectos necessários para o desenvolvimento, certamente esse aluno conseguirá progredir e ter um bom desenvolvimento.

De acordo com Luckesi (2005), muitos professores acabam utilizando-se do instrumento prova para torturar os alunos. Quando por algum motivo ele não consegue estabelecer ordem na sala, ele acaba ameaçando os alunos, e começa a plantar um terrorismo em doses homeopáticas como: 'se você não estudar para a prova não vai passar de ano', ou mesmo com relação a indisciplina: 'fiquem quietos! Prestem atenção! Ou vocês não vão ver o que vai acontecer no dia da prova! '. Essas expressões são muito comuns no cotidiano escolar, principalmente no ensino básico. "Os professores utilizam as provas como instrumento de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem" (LUCKESI, 2005 p.18).

Esse tipo de situação nos mostra como alguns professores utilizam o instrumento prova como objeto de tortura. E acabam gerando nos alunos o sentimento de medo. Medo de tirar uma nota baixa e reprovar; e a aprendizagem acaba ficando de lado. Os alunos presenciam essa prática e acabam achando que o que realmente importa é a boa nota.

O medo. O medo é um fator importante no processo de controle social. Internalizado, é um excelente freio as ações que são supostamente indesejáveis. Daí o Estado, a Igreja, a família e a escola utilizarem-se dele de forma exacerbada. O medo gera a submissão forçada e habitua a criança e o jovem a viverem sob sua égide. Reiterado, gera modos permanentes e petrificados de ação. Produz não só uma personalidade submissa como também hábitos de comportamento físico tenso que conduzem às doenças respiratórias, gástricas, sexuais etc. em função dos diversos tipos de *stresses* permanentes (LUCKESI, 2005.p.24).

Segundo Luckesi (2005), outra situação que acontece muito no ensino básico é o castigo. O castigo é um instrumento utilizado por alguns professores, e como consequência gera nos alunos o sentimento de medo. Hoje em dia existem leis que protegem as crianças;

e os professores não castigam mais como antigamente. (Castigo físico). Porém, o castigo hoje utilizado pelos professores é muito mais danoso ao aluno. O castigo psicológico acarreta danos a vida do aluno que vão permear toda sua existência.

O castigo é um instrumento gerador de medo. Hoje não estamos mais usando o castigo físico explícito, porém, estamos utilizando um castigo muito mais sutil – o psicológico. A ameaça é um castigo antecipado, provavelmente mais pesado e significativo que o castigo físico, do ponto de vista do controle. A ameaça é um castigo psicológico que possui duração prolongada, na medida em que o sujeito poderá passar tempos ou até a vida toda sem vir a ser castigado, mas tem sobre sua cabeça a permanente ameaça. (LUCKESI, 2005, p.24-25).

Luckesi (2005), explica que o aluno carrega por toda sua vida o sentimento de culpa causado por não conseguir boas notas nas provas. Não podemos responsabilizar apenas a escola pelo processo culposos que um aluno possa carregar, mas a escola faz parte do processo.

De acordo com Almeida e Mahoney (2014), podemos entender que existem diversos sentimentos que cercam a vida escolar do aluno. E as avaliações feitas pelos professores acabam provocando vários tipos de sentimentos, bons ou ruins, isso depende muito da postura do professor. Medo e culpa são sentimentos gerados pela prática equivocada, é preciso um novo olhar, é preciso ver a avaliação como parte do processo de aprendizagem.

Segundo Luckesi (2005), a avaliação da aprendizagem deve ser vista como um ato amoroso, pois a avaliação tem o objetivo de acolher a situação, para depois verificar a qualidade e em seguida analisar as possibilidades de mudanças que sejam necessárias.

O professor deve avaliar considerando todo o processo, é preciso um novo olhar, um olhar que consiga ver o aluno como sujeito único, considerando sempre seu histórico de vida. É preciso considerar que o processo de avaliar também está cercado por afetividade e momentos que podem marcar profundamente a vida de um aluno, seja de maneira positiva ou negativa.

A afetividade dentro do relacionamento educador / educando se estabelece no cotidiano, nas pequenas e grandes ações, e se reflete no comportamento dos mesmos. Para avaliar, o educador acaba colocando suas expectativas com relação ao seu próprio desempenho e por isso precisa ser cauteloso com relação aos sentimentos que podem surgir durante o processo. É preciso rever as práticas docentes de maneira crítica, compreendendo como a afetividade se estabelece dentro das relações.

Quando o educador compreende que a dimensão afetiva permeia diretamente as relações, ele pode tornar-se um facilitador da aprendizagem, utilizando ferramentas que

propiciem qualidade na aprendizagem deste educando, sempre considerando o aluno como sujeito único, social e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da teoria Walloniana, podemos compreender como o campo afetivo é responsável por formar a personalidade do indivíduo. Segundo Wallon, a pessoa é o resultado da integração entre a afetividade, cognição e o movimento.

Portanto, através de sua teoria, podemos compreender qual é o papel do meio social e do outro, e como isso acaba influenciando na constituição da pessoa. Através dos estágios descritos na teoria de Wallon é possível compreender o papel que o outro tem na formação moral da criança.

A escola é um lugar onde a criança vai estar cercada por relações afetivas. O professor também é responsável por auxiliar o aluno no seu processo de desenvolvimento como sujeito, portanto ele também acaba influenciando o aluno em suas emoções.

Sentimentos e emoções permeiam a vida da criança o tempo todo, o professor precisa estar preparado para poder mediar as diversas situações que fazem parte do cotidiano.

Dentre os aspectos importantes a serem considerados temos a avaliação da aprendizagem. A avaliação dentro da escola ainda é motivo de angústia para muitos alunos. Precisamos mostrar como o processo de avaliar pode ser tranquilo e produtivo para o alcance do sucesso.

De acordo com ZABALA (1998, p.220):

[...] devemos ter presente que, na aula e na escola, avaliamos muito mais do que se pensa, e inclusive mais do que temos consciência. Um olhar, um gesto, uma expressão de alento ou de confiança, uma recusa, um não levar em conta o que se fez uma manifestação de afeto.

O estudo da afetividade é muito amplo, estudar sentimentos e emoções não é tarefa fácil, porque cada indivíduo desenvolve-se de maneira diferente, de acordo com o meio que vive, as influências acabam formando um indivíduo único. É possível que uma pessoa tenha muitas dificuldades em lidar com emoções e sentimentos por conta do seu histórico de vida. É de suma importância compreender que o histórico de vida, o meio físico e o biológico são responsáveis por determinar seu desenvolvimento, e assim sendo, o indivíduo pode ser muito afetuoso ou não, por conta das influências do meio. Por isso, o estudo da teoria de Henri Wallon vem ao encontro de minhas necessidades para entender melhor como a afetividade ou a falta dele influenciam diretamente nossa vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henry Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em: junho de 2017

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sergio Antonio da Silva. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana**. Porto Alegre: 2013. <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9584/0>> Acesso em : março de 2017

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.